

Considerações acerca do uso dos Estudos Críticos do Discurso na pesquisa em comunicação¹

Luiz Peres-Neto²

Resumo

A tradição epistemológica dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) representa um importante arcabouço teórico para a pesquisa em comunicação. Em linhas gerais, se constitui por um conjunto articulado de práticas acadêmicas frequentemente utilizadas para o estudo da relação entre as estruturas sociais, cognitivas e as práticas comunicativas. A partir desse entendimento, o presente trabalho busca revisar alguns apontamentos teóricos sobre os ECD no intuito de integrá-los às pesquisas em comunicação.

Palavras-chave: Estudos Críticos do Discurso. Comunicação. Pesquisa. Metodologia.

Abstract

The critical discourse studies' (ECD) epistemological tradition constitutes an important theoretical source to communication research. In fact, ECD consists in a jointed body of academic practices usually employed to study the relationship between social structures, cognitive structures and communicative practices. Taking this meaning as a given concept, the present work proposes to review some theoretical aims on ECD to discuss it on communication research context.

Keywords: Critical Discourse Studies. Communication. Research. Methodology.

Introdução

A afirmação de que a progressiva consolidação do campo da comunicação, no Brasil, evoluiu em grande medida graças à incorporação de saberes interdisciplinares não constitui nenhuma grande novidade. Basta lembrar as contribuições de pesquisadores como Sodré (1996), Marques de Melo (2003) ou Lopes (2005) – conhecidos defensores dessa prática - ou mesmo os recentes documentos elaborados pelos pesquisadores da área junto às agências de fomento tais como Capes ou CNPq (FREIRE, STUMPF, 2009).

¹ Uma versão preliminar deste trabalho, sob o título de “Apontamentos teóricos sobre o uso dos Estudos Críticos do Discurso na pesquisa em Comunicação Organizacional e Relações Públicas”, foi apresentada ao Grupo de Trabalho Comunicação em Contextos Organizacionais do XXI Encontro da Compós, na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, de 12 a 15 de junho de 2012. O autor agradece os comentários e sugestões dos participantes do mencionado evento da Compós, que foram fundamentais para a construção deste artigo.

² Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM. É doutor em Comunicação pela Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha). E-mail: luiz.peres@espm.br

À luz da temática que abordaremos neste artigo, acreditamos ser importante partir precisamente da reflexão sobre a importância, para o campo da comunicação, de agregar distintas áreas do saber haja vista a manifestação explícita dos autores que utilizam os Estudos Críticos do Discurso de que os mesmos se constituem a partir de uma aproximação multidisciplinar³ (VAN DIJK, 2003). Em outras palavras, tanto para o campo da comunicação como para os ECD há a necessidade de somar conhecimentos de uma plêiade de disciplinas, o que será objeto de revisão em um primeiro momento.

Uma vez analisada a questão multidisciplinar, propomos, a partir da mesma, em um segundo momento, a discussão da dualidade “objetividade-ideologia” e o comprometimento dos ECD com a mudança social. Na contramão do positivismo científico, a produção acadêmica dos ECD coloca em xeque os pressupostos metateóricos idealistas ao assumir a subjetividade do pesquisador e o peso da sua perspectiva ideológica na construção do conhecimento.

Perspectiva ideológica que implica, para os ECD, o comprometimento com o conceito de mudança social, algo que, no nosso entender, permeia a construção de uma fundamentação acerca da pertinência e relevância da pesquisa em comunicação para a sociedade. No entanto, entende-se que o fato do pesquisador delinear explicitamente o seu comprometimento com a mudança social não deve dar margem à construção de um discurso meramente ideológico e sim reflexivo, nos termos como Lopes (2010) defende.

Seguindo esta linha teórica, propomos, em um terceiro momento, uma reflexão sobre as inter-relações entre estruturas discursivas, cognitivas e sociais. Como trataremos nas páginas que seguem, trata-se de, a nosso ver, de um importante ponto de intersecção entre os ECD e o campo da comunicação, o que

3 Como é amplamente conhecido, para o campo da Educação, existem diferenças epistemológicas entre o conceito de multidisciplinaridade e interdisciplinaridade. Como explica Pires (1998, p. 177), a partir das revoluções estudantis do final da década de 1960 houve a eclosão de um movimento social que buscou a implementação de reformas nos sistemas educacionais em diversos países – principalmente na América Latina e na Europa - com o intuito de eliminar as fronteiras entre distintas disciplinas e, principalmente, entre teoria e prática; sendo assim, uma abordagem interdisciplinar pressupõe tanto uma visão política contrária à especialização do conhecimento quanto a integração entre teoria e prática a partir de uma perspectiva crítica. Ainda segundo a referida autora, a multidisciplinaridade, por sua vez, pressupõe a justaposição de disciplina com o intuito de criar um modelo em que se “trabalhe junto”. Posto isso, cabe matizar que, a nosso ver, o campo da comunicação no Brasil tem sua vertebração interdisciplinar e opera a partir de uma perspectiva multidisciplinar, razão pela qual entendemos que há um ponto de aproximação que nos permite abordar ambos os conceitos como indissociáveis.

necessariamente nos leva a revisar a fundamentação dos estudos dos discursos e da pesquisa em comunicação a partir de uma teoria social.

Por fim, nos lançamos, em última instância, em direção à proposição de um caminho metodológico para a utilização dos ECD em pesquisas comunicacionais. Trata-se de um esforço final de síntese que não tem pretensões normativas; caso a tivéssemos, escaparíamos completamente da abordagem proposta pela própria perspectiva dos ECD. Dessa maneira, mais do que concluir o debate aqui proposto temos por objetivo primordial instigar uma discussão teórico-metodológica que, a nosso ver, contribuirá para o fortalecimento das reflexões científicas no campo da Comunicação.

Multidisciplinaridade

Os estudos sobre a linguagem e o discurso têm um verdadeiro ponto de transformação a partir do chamado “giro linguístico”, iniciado na década de 1950. Até então, e principalmente graças à semiologia de Saussure, a língua era analisada como um objeto autônomo à linguagem, separando sujeito e objeto, o que abriu caminho para formação de duas grandes correntes: o estruturalismo e o funcionalismo linguístico (GODOI, 2008). Embora, como afirmam Ducrot e Todorov (2005), a abordagem funcionalista seja composta por autores heterogêneos, pode-se dizer que um ponto comum desta perspectiva repousa na visão de uma gramática normativa, como organizadora das línguas.

Por sua vez, como explicam Carrascoza e Furtado (2009), a leitura estruturalista da obra de Saussure – predominante nas Ciências Sociais e Humanas até os anos 60 do século XX - favoreceu a construção do entendimento de alguns aspectos dicotômicos nos estudos sobre o discurso, tais como: (1) o entendimento da língua como uma instituição social, enquanto a fala é vista como um ato necessariamente individual; (2) o estudo da língua como um conjunto de regras estáticas, aprisionadas no espaço-tempo; (3) o pressuposto de que o significante é a expressão material de um signo ao passo que o significado é a sua representação ideal.

A guinada proposta pelo “giro” modifica essa maneira dicotômica de entender a linguagem e a língua o que, conseqüentemente, altera os estudos sobre o discurso. Língua e linguagem passam a ser encaradas como parte de um mesmo

fenômeno. A linguagem deixa de ser um elo mediador entre indivíduo e sociedade para ser vista como algo capaz de construir ambos (CHILLÓN, 1999). Emergem inquietações acerca do papel da linguagem em seu funcionamento – ou seja, na comunicação humana - o que será materializado em disciplinas como, por exemplo, a Pragmática, a Sociolinguística, Psicolinguística ou mesmo a Linguística Crítica, fato que, segundo Ruth Woodak (2003), constitui a base multidisciplinar para os ECD.

De fato, a Linguística Crítica, a Pragmática e a Sociolinguística são as principais raízes que nutrem o surgimento dos Estudos Críticos do Discurso (WOODAK, 2003). No entanto, como expõe Teun Van Dijk, tanto os ECD quanto estas áreas que o alimentam “são, como muito, uma perspectiva comum no fazer próprio da linguística, da semiótica ou da análise de discurso” (1993, p. 131). Sendo assim, nos resta indagar, como podemos diferenciar os ECD dessas áreas?

Mas do que buscar o elo perdido dos ECD, entendemos que é pertinente situá-lo como o que é: uma perspectiva multidisciplinar, agregadora de demais disciplinas. Os ECD não constituem um método ou uma escola, mas sim o domínio articulado de um conjunto de práticas acadêmicas nas quais confluem saberes de diversas disciplinas das Ciências Sociais e Humanas em função do objeto que se pretende estudar (VAN DIJK, 2003).

Sendo assim, Van Dijk (2010) pondera que não há “um” método ou “um” só tipo de análise possível para a realização dos ECD e elenca alguns exemplos de análises que, segundo o objetivo de uma determinada pesquisa, pode compor o estudo das estruturas e estratégias discursivas, tais como:

Análise gramatical (fonológica, sintática, lexical, semântica); análise pragmática dos atos de fala e dos atos comunicativos; análise retórica; análise estilística; análise das estruturas específicas (gênero, etc.): narrativa, argumentação, notícias jornalísticas, livros didáticos, etc.; análise conversacional da fala em interação; análise semiótica de sons, imagens e outras propriedades multimodais do discurso e da interação, entre outras. (VAN DIJK, 2010, p. 11)

Cabe ao pesquisador, em função do seu objeto de estudo, a construção de um mosaico analítico no qual o mesmo comporá, entre as múltiplas possibilidades, um caminho próprio para a análise que pretende realizar. De modo que se abre a possibilidade, não só para a combinação de técnicas e métodos em relação a um objeto, como para a construção de um conjunto de teorias que sustentarão essas técnicas e métodos ou que o pesquisador utilizará para situar o seu objeto de estudo.

Assim, ao compor um marco analítico plural, faz-se necessário que o pesquisador parta de um universo de teorias sem a imposição de barreiras disciplinares. Com isso, o pesquisador terá que buscar e construir um conjunto próprio de teorias que guiarão suas análises – escolhidas dentro do amplo espectro de técnicas e métodos existentes, como já argumentado - o que, para o campo comunicação, amplia o universo de diálogos possíveis com outras áreas do saber. Para Van Dijk (2003), esta é uma das singularidades dos ECD, que constituem uma vantagem.

Dessa forma, por exemplo, para a análise de um discurso médico publicado em um determinado jornal impresso, um pesquisador que opte pela utilização da perspectiva dos ECD comporá o seu próprio marco analítico, além de construir um universo referencial metateórico próprio, a partir da seleção de teorias oriundas da Medicina, Biologia, Jornalismo, Ciência Política etc. e em função do que pretende analisar.

A pluralidade de análises e teorias cabíveis reforça a constituição multidisciplinar dos ECD posto que, entre outras coisas, permite a análise das complexidades de um discurso, bem como de uma prática social (FAIRCLOUGH, 2003), em suas múltiplas interfaces. Nesse sentido, a visão de que todo discurso é uma prática social permite interpretar discurso e sociedade como parte de uma relação dialética na qual a linguagem é tanto socialmente construída quanto socialmente constitutiva (FAIRCLOUGH, 1995).

Em suma, trata-se da aceitação de que a construção de realidades sociais tem por elemento básico a linguagem (SEARLE, 1997), cujos edifícios discursivos têm um cimento ideológico que lhes estrutura. Basta lembrar os postulados de Bakhtin (2006) e a sua defesa de que todo signo linguístico tem uma origem social e é anterior ao sujeito. Ao assumir esse conjunto teórico, os ECD defendem o envolvimento político dos pesquisadores com seus trabalhos, o que nos convida a refletir sobre a dualidade objetividade-ideologia na produção do conhecimento, tanto para os ECD quanto para a pesquisa em Comunicação.

Objetividade e ideologia

Uma das noções mais difundidas sobre o conceito de ciência consiste na afirmação de que o pensamento científico deve somente ser construído a partir de

comprovações fatuais e que o mesmo requer uma posição distante e “neutra” do pesquisador (CHALMERS, 2000). No entanto, entendemos que ontologicamente não há uma neutralidade possível, apenas, como muito, pretendida (BOURDIEU, 2007). A pretensão de objetividade já constitui nela mesma uma tomada de posição, uma postura ideológica.

Como afirmamos anteriormente, para os ECD, o uso da linguagem deve ser entendido como uma prática social, o que nos faz assumir que os discursos não se constroem em contextos assépticos e sim em um espaço de interações sociais, no qual linguagem e ideologia aparecem como conceitos entrelaçados (FIORIN, 2007). Com efeito, para Van Dijk (2010), todo e qualquer discurso está imerso em relações de poder social nas quais há um marcado controle da produção discursiva por um determinado grupo sobre outro, o que nos leva a contrapor discursivamente o “nosso grupo” e o “grupo dos outros”. Por isso, os ECD se preocupam, ao analisar um texto, em entender como as estruturas de poder social constituem instrumentos de dominação a serviço de uma determinada ideologia.

Tal postulado vem ao encontro, por exemplo, da perspectiva crítica assumida pelo sociólogo John B. Thompson, que compreende ideologia como “o sentido a serviço da dominação” (THOMPSON, 2000, p. 16). A partir desta definição, uma forma simbólica – um discurso, por exemplo - será ideológica quando, num contexto sócio-histórico específico, sustentar relações de dominação. Assim, a interpretação do potencial ideológico de uma forma simbólica deve explicitar o vínculo entre os sentidos mobilizados por ela e as relações de dominação que este sentido mantém.

Van Dijk (2010) recorda que a gramática da língua é igual para todos, seja você “de direita”, “de esquerda”, liberal, extremista etc., pelo que o abuso de poder social ou mesmo as relações de dominação em um determinado discurso só podem se manifestar nos contextos aos quais cabe ao enunciador escolher os termos com os quais comporá verbalmente um discurso. Assim, pode-se utilizar a expressão “ditador” ou “líder político” para denominar um mesmo sujeito, por exemplo, o presidente de um país, em função da ideologia do falante.

Ideologia que, como afirmado, sustenta relações de dominação. Cabe recordar que, por dominação, Thompson compreende aquelas relações de poder que são sistematicamente assimétricas. Ou seja, “quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agente, independentemente da base

sobre a qual tal exclusão é levada a efeito” (THOMPSON, 2000, p. 80). Neste sentido, os ECD depositam maior atenção nas propriedades discursivas que estão intimamente ligadas à confirmação, reprodução ou subversão do poder social dos grupos dominantes.

Em sentido amplo, todos e quaisquer discursos são produzidos por grupos sociais que pretendem impor uma determinada estrutura discursiva. Sendo assim, por exemplo, os discursos produzidos por um veículo de comunicação, uma instituição, uma marca, um sujeito etc., ambicionam impor certa estrutura discursiva para a construção de determinadas realidades. Obviamente, trata-se de um processo potencial, uma disputa pela construção dos sentidos, consciente ou inconscientemente.

Por isso, há a busca pelo controle na produção desses discursos. Os responsáveis pelo discurso de uma organização, instituição ou grupo social qualquer são fabricantes de padrões morais, estéticos, valores, atitudes, normas e, em suma, ideologias. O estudo, portanto, desses discursos à luz das relações de dominação dos seus contextos de produção, circulação e recepção mostra um aporte interessante, ainda que não exclusivo, dos ECD à pesquisa em Comunicação.

Os ECD, no entanto, manterão sempre um comprometimento em favor dos grupos sociais dominados, o que não inviabiliza o seu caráter científico nem, a nosso juízo, a sua utilização para o campo da Comunicação. Trata-se de um comprometimento ideológico com a teoria crítica. Com efeito, para Meyer (2003, p. 58), o posicionamento claro dos pesquisadores que realizam ECD favorece o estudo das relações de desigualdade de poder social que são objeto de estudo.

Em suma, como meta geral dos ECD, Van Dijk (2010, p. 15) propõe o “*estudo da reprodução discursiva do abuso de poder*”, onde se deve entender o abuso de poder como a relação de dominação de um determinado grupo social sobre outro. Por isso, expressa uma tomada de posição política e, intrinsecamente define os pesquisadores que trabalham com os ECD como agentes de processos de mudança social.

Por sua vez, a preocupação acerca do compromisso crítico dos profissionais e pesquisadores de Comunicação enquanto agente de transformação social, no Brasil, remonta à década de 1960. Como é sabido, diversos autores postularam a constituição de um novo paradigma, no qual o campo da Comunicação deveria ser posta a serviço das classes dominadas, de modo que favorecesse uma “educação

libertadora”, capaz de alterar a condição do ser humano, vítima da “mistificação da realidade” e dos processos de alienação agenciados pelas classes dominantes.

Trata-se de uma inversão na construção do pensamento comunicacional. Tal proposta defendia que os saberes da Comunicação deixassem de ser unicamente teorizados como um elemento da engrenagem capitalista; a obra de Paulo Freire impulsionou a que a Comunicação começasse a ser vislumbrada como um agente capaz de mobilizar a sociedade e alterar as relações de dominação social, o que, em definitivo, se constitui de fato com um elemento teórico-metodológico que pode ser potencializado a partir da utilização dos ECD nas pesquisas em Comunicação.

Discurso, cognição e sociedade

Norman Fairclough (1995, p. 55) defende que os discursos devem ser analisados a partir dos marcos socioculturais nos quais os mesmos têm lugar. Em linhas gerais, podemos elencar três desses marcos: os situacionais (definidos pela situação concreta em que os discursos transcorrem), os institucionais (família, escola, órgãos do Estado etc.) e os sociais (definido pelas organizações ou grupos sociais). Por isso, o mencionado autor entende que os ECD devem se concentrar na complexidade dos discursos em sua dimensão contextual.

Certamente, cada um dos mencionados marcos socioculturais fomenta uma variedade de usos da linguagem e, conseqüentemente, toda uma variedade de discursos que também possuem variações internas. Assim, por exemplo, em uma empresa, o discurso entre dois analistas da área de comunicação corporativa não é, presumivelmente, o mesmo que o que eles adotariam em uma conversa com o presidente da empresa. Do mesmo modo, o discurso dos pais para os filhos tende a ser diferente do adotado em uma conversa reservada entre os próprios pais. Por isso, Fairclough (2001, p. 127-128) aprofunda a concepção da “ordem do discurso”, de Foucault (2005), para incluir a noção situacional, institucional e organizacional como elementos articuladores da ordenação do discurso social.

Para Van Dijk (1999), a este ordenamento sociocultural deve ser acrescentado um processo sociocognitivo onde, por cognição, devemos entender tanto a cognição pessoal, dos sujeitos implicados em práticas comunicativas quanto a cognição social, entendida como os valores, crenças e emoções relacionadas a um discurso. Assim, os

ECD operam com vistas a analisar a tríade discurso-cognição-sociedade (VAN DIJK, 2003).

Em linhas gerais, podemos assumir que a realização de ECD pressupõe o estudo, de um lado, da relação entre as estruturas discursivas e cognitivas e, de outro, das estruturas sociais. Isso porque não basta entender os processos linguísticos que formam um discurso cognoscível, deve-se procurar analisar como estas estruturas se relacionam com os sistemas sociais.

O estudo da relação entre estruturas sociais, cognitivas e discursivas permite adentrar no terreno social onde as relações de dominação e poder acontecem. Cabe aqui, no entanto, matizar que, para Van Dijk (2010), poder e dominação devem ser estudados a partir da noção de “controle”. Destarte, o mencionado autor reconhece que todo e qualquer controle é difuso na sociedade. Por isso, defende que o mesmo seja relacionado com a noção de liberdade. Nenhum indivíduo é totalmente livre para expressar os seus afetos. E essa ausência de liberdade pode ser constatada a partir de distintos pontos de vista. Em suas palavras, “a maioria das pessoas tem empregos nos quais são obrigadas a produzir tipos específicos de fala e escrita. Nesse sentido, o controle do discurso parece ser a regra, e não a exceção” (VAN DIJK, 2010, p. 18).

Devemos, então, ter presente uma equação lógica. Do ponto de vista cognitivo, a mente opera a partir de estruturas cognitivas (VAN DIJK, 1999). Assim, o discurso controla a mente e esta, por sua vez, controla a ação. Logo, no entender de Van Dijk (2010, p. 18), os grupos sociais dominantes – aqueles atores que detêm o poder - buscarão sempre controlar o discurso, para controlar não só estruturas cognitivas como, principalmente, determinadas estruturas sociais.

Em consequência, uma maneira direta de controlar o discurso se dá a partir do controle do contexto no qual o discurso é produzido. Controlar o contexto é controlar o discurso propriamente dito. Assim, fica claro que quem está no poder restringe o acesso ao discurso. E será precisamente a partir da noção de contexto para a Pragmática que proporemos, em um esforço final, a síntese de um possível caminho metodológico para a utilização dos ECD nas pesquisas em Comunicação.

Proposta para a utilização dos ECD em pesquisas comunicacionais

Para alguns autores, como Xavier Giró (1999), os ECD tem o inegável mérito de, entre outras coisas, facilitar a incorporação do sociocognitivismo à Pragmática.

Esta última aporta um aparato teórico extremamente pertinente ao estudo das relações entre contextos e textos (discursos). Herrero Cecilia (2006) destaca as origens dessa linha teórica tanto na semiótica de Pierce e Morris quanto na filosofia analítica de pensadores como Austin, Searle ou Strawson⁴. Sem entrar nos labirintos históricos desse campo do saber, podemos afirmar que compete à Pragmática o estudo das relações entre os signos e os sujeitos que os utilizam ou, dito de outro modo, o estudo da relação entre a linguagem e os usuários de uma determinada língua.

Schiffirin (1994) explica que a Pragmática representa uma das muitas possibilidades existentes para a realização de análises de discursos haja vista que a mesma se relaciona com os conceitos de significado, contexto e comunicação. A compreensão textual proposta pela Pragmática pressupõe o estudo da ação comunicativa do emissor, do receptor, além do enunciado (GIRÓ MARTÍ, 1999).

Como teoria dos usos da linguagem, a Pragmática possibilita a interpretação de todos os contextos linguísticos. Com efeito, a incorporação do contexto serve como elemento diferenciador entre uma análise pragmática com uma análise gramatical e, também, entre uma análise pragmática com uma análise de discurso. Desse modo, nem toda análise pragmática pode ser considerada uma análise de discurso, mas todas as análises de discurso são pragmáticas (CASALMIGLIA BLANCAFORT, TUSÓN VALLS, 1999)⁵.

Entre as ferramentas que a Pragmática oferece para a análise de discurso, do ponto de vista cognitivo, encontramos, por exemplo, as “pressuposições” e as “implicações” ou “implicaturas” presentes em um enunciado. Os enunciados, por sua vez, são parte das mensagens nas quais se condensa a ação discursiva, o que se quer comunicar.

Como expõe Giró Martí (1999), em um contexto pragmático, as pressuposições indicam a intencionalidade do discurso, ou seja, o que o emissor afirma no contexto discursivo pressupondo um conjunto de conhecimentos comuns entre os seus interlocutores tidos como verossímeis. Por exemplo: no enunciado “a minha irmã se casará amanhã”, temos a pressuposição de que o enunciador tem uma irmã, o que corresponde a uma informação não dada no enunciado.

⁴ Schiffirin (1994, p. 191) afirma que Morris foi o primeiro autor a apresentar, em 1938, uma definição do que seria a Pragmática, afirmando que se tratava de uma ramificação da semiótica.

⁵ Cabe aqui precisar que as autoras excluem da categoria “análise de discursos” a utilização de aproximações quantitativas, como a de Krippendorff (1990). Estas são compreendidas como “análise de conteúdo”.

Por sua vez, as “implicações” revelam para a Pragmática o que o enunciador comunica implicitamente. Trata-se de manifestações que podem ser deduzidas semanticamente e não seguem uma operação lógica, como no caso das pressuposições. Enquanto as pressuposições operam com informações presentes no contexto da enunciação, as implicações requerem que o receptor cumpra um papel ativo e infira o sentido implícito da mensagem. Por exemplo: no enunciado “aquela jovem carece de atributos estéticos destacáveis”, implicitamente o receptor pode deduzir que o enunciador quis dizer que a jovem em questão é feia. No entanto, o contexto da comunicação deve ser levado em consideração.

A esses instrumentos de análise de discurso, provenientes da Pragmática, podemos incluir a proposta de Van Dijk (2003, p. 45) de realizar análises de discurso a partir da identificação de “macroestructuras” textuais ou “macroproposições” contextuais que dão coerência e sentido aos discursos. Estas permitem, de um lado, identificar as proposições que condensam os significados de um enunciado e, de outro, entender que qualquer enunciado discursivo traz consigo um conjunto de proposições nas quais parte do significado provem de enunciados anteriores ou de referenciais compartilhados por emissores e receptores.

Ainda que pareça uma proposta limitada, a utilização desses conceitos - e os aspectos destacados nos tópicos anteriores – possibilitam uma perspectiva, a nosso ver, fecunda para a realização de ECD no campo da Comunicação. Do ponto de vista instrumental, extrair macroproposições de discursos e analisá-las a partir do uso das “pressuposições” e “implicações” facilita o acúmulo de dados que servem de base para estudar as relações de poder e dominação a partir da análise da relação entre estruturas cognitivas, discursivas e sociais.

Cabe, também, destacar que, do ponto de vista teórico, os ECD permitem que o pesquisador parta de um universo multidisciplinar para compor as teorias que guiarão suas análises, o que, para o campo da Comunicação, amplia o universo de diálogos possíveis. Ao optar pelo ECD, o pesquisador terá que construir um marco metateórico que permita entender o contexto teórico que permeia o seu objeto de análise.

A construção desse universo referencial não só requer a colocação em prática de uma visão multidisciplinar como, também, pressupõe a elaboração de um corte epistemológico, o que facilita para o pesquisador explicitar o seu lugar de fala ou, com outras palavras, a ideologia e o *locus* teórico que lhe servirá de sustentação.

Diversos autores acreditam ser esta uma das vantagens do ECD quando comparado com outras perspectivas teórico-metodológicas científicas (FAIRCLOUGH, 2008; VAN DIJK, 2003; GIRO I MARTI, 1999). Conforme argumentado anteriormente, contra a pretensão de objetividade, o pesquisador explicitamente expõe o edifício teórico e ideológico na medida em que o constrói.

Finalmente, e não menos importante, é necessário destacar que a utilização dos ECD favorece o estudo de áreas tais como a análise da relação entre problemas sociais e o papel da comunicação como agente mobilizador para a transformação social, haja vista o comprometimento desta perspectiva com a intervenção da academia na sociedade.

A partir dos apontamentos expostos anteriormente, quiçá, pareça contraditório sistematizar um modelo para a utilização dos ECD. Por isso, faz-se necessário frisar, mais uma vez, a noção de perspectiva e não de método desses estudos. Diante disto, a liberdade deve ser a regra e o pesquisador deve articular a utilização dos ECD sempre em função do objeto de pesquisa. A proposta apresentada, em suma, deve servir de guia, não necessariamente linear, precisamente para que o pesquisador possa usufruir da liberdade teórico-metodológica dos ECD.

Referências

- BILLIG, M. The language of critical discourse analysis: the case of nominalization. *Discourse & Society*, v. 19, n. 6, p. 783-800, 2008.
- BOURDIEU, P. *Ofício de sociólogo*. Metodologia da pesquisa social. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CARRASCOZA, J.A.; FURTADO, J. O pensamento estruturalista e as teorias da comunicação. In: *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 16, n. 6, p. 173 – 183, jul. 2009.
- CASALMIGLIA BLANCAFORT, H; TUSÓN VALLS, A. *Las cosas del decir*. Manual de análisis de discurso. Barcelona: Ariel, 1999.
- CHALMERS, A.F. *¿Qué es esa cosa llamada ciencia?* Madrid: Siglo XXI, 2000.
- CHILLÓN, L.A. *Literatura y periodismo: una tradición de relaciones promiscuas*. Bellaterra: Editora de la UAB, 1999.
- DUCROT, O; TODOROV, T. *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje*. 23ª Ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2005.
- MALDONADO, A. E.; BIANCHI, G. S.; MAXIMO, M. E.; LACERDA, J. (Orgs.). *Epistemologia, Investigación e Formación Científica em Comunicação*. Rio do Sul: Unidavi, 2012.
- FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. Londres: Edward Arnold, 1995.
- _____. *Discurso e mudança social*. 1ª.Reimp. Brasília: Editora UnB, 2008.
- _____. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en las ciencias sociales. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Org.) *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- FREIRE, Marcius; STUMPF, Ida. Documento trienal de área 2009 – Ciências sociais aplicadas I. In: *CAPEES, documentos de área*. Brasília: Capes, 2009. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/SOC_APLIC_07mai10.pdf>. Acesso em: 30 dez 2011.
- GIRÓ I MARTÍ, X. *Análisis crítico del discurso sobre nacionalismo e identidad en los editoriales de la prensa diaria publicada en Cataluña desde la transición hasta el gobierno del PP (1977-1996)*. Bellaterra: Universidad Autónoma de Barcelona, 1999.
- KRIPPENDORF, K. *Metodología de análisis de contenido*. Teoría y práctica. Barcelona: Paidós, 1990.
- LOPES, M. I. V. *Pesquisa em Comunicação*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. “Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação”. In: BRAGA, J.L.; LOPES, M. I. V. (Orgs.). *Pesquisa empírica em comunicação*. São Paulo: Paulus-Compós, 2010.
- MARQUES DE MELO, J. *História do pensamento comunicacional: cenários e personagens*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MEYER, M. Entre la teoría, el método y la política: la ubicación de los enfoques relacionados con el ACD. WODAK, R.; MEYER, M. (Org.). *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- PIRES, M. F. C. Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu-SP, v. 2, n. 2, p. 173-182, 1998.
- SCHIFFRIN, D. *Approaches to discourse*. Oxford: Blackwell, 1994.
- SEARLE, J. *La Construcción de la realidad social*. Barcelona: Paidós, 1997.
- SODRÉ, M. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- TRIGUEIRO, O. O estudo científico da comunicação: avanços teóricos e metodológicos ensejados pela escola latino-americana. In: *PCLA*, Vol.2, No.2, 2001, São Bernardo do Campo/Universidade Metodista. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista6/artigo>>. Acesso em: 30 dez 2012.
- VAN DIJK, T. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto: 1999.
- _____. *Discurso e Poder*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- _____. *Élite, discurso y racismo*. Barcelona: Gedisa, 2003a.
- _____. La multidisciplinariedad del análisis crítico del discurso: un alegato a favor de la diversidad. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Org.) *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003b.
- _____. *Las estructuras y funciones del discurso*. 11ª. Ed. México D.F.: Siglo XXI, 2005.
- WODAK, R. De qué trata el análisis crítico del discurso (ACD). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. WODAK, R.; MEYER, M. (Org.) *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003.
- WODAK, R.; MEYER, M. (Org.) *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003.